

## **CULTURA E RELIGIOSIDADE POPULAR NO CONGADO NO PONTAL DO TRIÂNGULO MINEIRO**

Cairo Mohamad Ibrahim Katrib

Luana Regina Mendes Rafael

Doutor em História Cultural pela UNB, docente do curso de História FACIP-UFU e  
tutor Pet (Re) conectando saberes. E-mail [caiomohamad@gmail.com](mailto:caiomohamad@gmail.com)

Discente do curso de Graduação em História FACIP-UFU e bolsista do Pet História  
FACIP/UFU. E-mail [reginaluanna57@gmail.com](mailto:reginaluanna57@gmail.com)

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como preocupação central, compreender como as experiências simbólicas e ritualísticas dos praticantes da congada local contribuem para a manutenção das práticas culturais afro-brasileiras na cidade de Ituiutaba, em especial por meio da festa em louvor aos santos negros: Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. O congado ou a congada são conhecidos em muitas regiões como expressão viva da cultura negra, tradução da mistura e da manutenção das nossas heranças africanas. Em virtude da diversidade de sentidos atribuídos à palavra, optamos pelo termo congada compreendendo-o como o conjunto de práticas e expressões da religiosidade e da cultura local, em especial dos grupos de praticantes da devoção aos santos padroeiros.

A congada enquanto prática cultural popular é reinventada a cada ano pelos seus praticantes o que a torna dinâmica e viva no contexto cultural brasileiro. Em virtude da sua significação cultural, a congada pode ser entendida, de acordo com as reflexões de Canclini (2008), como sendo uma manifestação ou prática cultural híbrida que movimenta vários sentidos direcionados para a manutenção dos valores culturais herdados, de um dado grupo ou comunidade.

Nesse mesmo caminho, podemos dizer que essa prática cultural se insere e constitui-se nos chamados “locais de cultura” sendo recriados seus sentidos através da atualização e manutenção da memória dos grupos que a praticam. Desta forma nosso objetivo foi pensar o conceito de cultura num viés circular, não estabelecendo posições hierárquicas em relação ao termo como se pensava até meados do século XX. Se optarmos compreender as práticas culturais, em especial, a congada, é porque

estabelecemos aqui um diálogo dela embebida de diversos sentidos, ou seja, parte da diversidade cultural, uma vez que:

A diversidade cultural é o processo de enunciação da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. Se a diversidade é uma categoria ética, estética ou etnologia comparativa, a diferença cultural é um processo de significação através dos quais afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discrimina e autoriza a reprodução de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. (BHABHA, 1998, p. 63)

Pensamos a cultura afro-brasileira como parte indissociável das práticas culturais materializadas através da congada, uma vez que ela traz consigo a manutenção dos valores africanos, da cultura negra e, em especial, promove a manutenção da identidade coletiva das famílias negras praticantes dessa manifestação.

Desta forma, optamos entrever por algumas das diversas possibilidades de releituras dessa prática cultural a partir da lógica sagrada e festiva de apropriação do(s) espaço(s) da comemoração, levando em consideração a interdisciplinaridade conceitual aqui utilizada. Nesse caminho, optamos pelo conceito de espaço pensado por Milton Santos (1988). O estudioso aponta ser o espaço: resultado da ação do homem sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais (SANTOS, 1988, p. 71).

Consideramos que os lugares em que as práticas culturais se concretizam são constituídos pelos fatores culturais imprescindíveis ao entendimento da interação entre sujeitos e espaço, e da construção de um sentido histórico para ambos, assim podemos pensar a congada como sendo um dos motivos para a fixação dos congadeiros ou praticantes próximos à igreja e constituidora de uma relação entre a comunidade e a igreja, uma vez que suas residências se inserem dentro do raio de abrangência de suas práticas culturais, religiosas e dos espaços de referência étnica diversos.

Dentro dessa linha de raciocínio Rosendahl (2003) nos ajuda a pensar a festa e sua materialização espacial na cidade de Ituiutaba a partir da teia de significados estabelecida e sua articulação com o sagrado e o festivo. A autora destaca que esses momentos se inserem ainda num contexto mais diverso de concretização de uma gama de representações simbólicas recriadas pelos atores sociais. Assim, o sentido que a

cidade atribui à comemoração da festa da congada foi levado também em consideração nas nossas reflexões.

É importante salientarmos que a congada se insere numa escala cultural macro, uma vez que representa através de seus mito(s) fundador (es) com a África, enaltecendo as disputas tribais entre os reinos africanos, o processo de exploração colonial e, numa escala mais regional e local vai recompondo a história dos africanos no Brasil por meio dos enredos lúdicos que referendam a coroação dos reis negros e a atualização das heranças ancestrais, dentre outros aspectos.

É claro que esses sentidos se polvilham pelos grupos sociais de muitas formas e a relação com o sagrado e profano também. Elas se dão em grande parte fora dos espaços oficiais da igreja ou da praça, uma vez que temos na cidade diversos grupos de congada que se encontram inseridos geograficamente nos bairros da cidade e, em cada residência onde temos os chamados quartéis gerais - locais de ensaio dos grupos é realizada uma série de atividades e rituais de manutenção da memória herdada.

No nosso caso, levamos em consideração o fato desses grupos transferirem para a Igreja de São Benedito e para a praça os sentidos dessa tradução cultural coletiva para se fazerem vistos e demarcarem o território oficializando perante a cidade a apropriação dos seus lugares de efusão da religiosidade e de sua cultura ancestral. Ituiutaba, cidade situada na região do Triângulo Mineiro, estado de Minas Gerais, de acordo com os relatos de lideranças negras da cidade, a festa, no contexto urbano, é oficialmente realizada desde o ano de 1951. Entretanto, anterior a essa data, ela já vinha sendo realizada nas fazendas do município. Logo que as famílias negras passaram a fixar residência na cidade em busca de melhores condições de vida e trabalho a prática se firmou na cidade.

Nesse sentido tivemos como questionamento introdutório que buscar um entendimento sobre como a praça assume funções que envolvem o sagrado e o profano, (mesmo que o comércio não seja tão evidente, algumas barracas de venda de alimentos ou vendedores ambulantes aproveitam da aglomeração do dia para comercializar seus produtos e reforçar a renda mensal) como essas dimensões se interagem aos olhos dos sujeitos que vivenciam o cotidiano e a ruptura com essa condição, fazendo daquele

espaço um momento extra lógico<sup>1</sup> de efervescência cultural e social; para Rita Amaral (1998), a festa tem o seu tempo próprio, assim como suas divisões ela percebe o momento da festa como uma ruptura considerando que ela se apropria de um espaço que é utilizado por seus frequentadores; no entanto, ela não reduz o lugar onde ocorre a ela mesma.

## MATERIAL E MÉTODOS

Os instrumentos metodológicos que permitiram a investigação problematizada no texto foram elaborados a partir de observações feitas no lugar pesquisado em dias alternados e durante a festa, através da realização de entrevistas semi estruturadas, realizadas com os congadeiros (as) e com a comunidade residente nas adjacências da Praça 13 de Maio e frequentadores do espaço. Em termos teórico-metodológicos, pautamo-nos num referencial interdisciplinar, justamente por nos auxiliar na compreensão da pluralidade de sentidos atribuídos ao local pesquisado e à prática cultural ali efetivada, assim como permitindo-nos analisar os conceitos de lugar, festa, pertencimento, sociabilidade<sup>2</sup>, identidade e memória.

Entendemos que as categorias e conceitos utilizados nesta pesquisa ganham relevância quando pensados de forma indissociada da realidade analisada sendo que esta foi uma das maiores dificuldade durante a realização desta pesquisa, ou seja, entender os conceitos a partir da realidade da pesquisa.

As entrevistas nos possibilitaram compreender a forma com que a festa é vista pelos moradores como também pelos congadeiros, e ela só ganha sentido a partir de uma interação com os conceitos utilizados. E como nos coloca Pesavento (2003) em relação ao método:

[...]. O método fornece ao historiador meios de controle e verificação, possibilitando uma maneira de mostrar, com segurança e seriedade, o caminho percorrido, desde a pergunta formulada à pesquisa de arquivo, assim como a estratégia pela

---

<sup>1</sup> Perez vai pensar a festa como um momento de ruptura com o mundo cotidiano, assim outra forma de experiência social, marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e das emoções. (PEREZ, Freitas Léa. 2002p15)

<sup>2</sup> De acordo com o dicionário de Sociologia sociabilidade Definida por M. Agulhon (1977) como "a aptidão geral de uma população para viver intensamente as relações públicas" (dicionário de sociologia. p421-422) <http://pt.scribd.com/doc/5023019/DICIONARIO-DE-SOCIOLOGIA> acesso em 30 de julho de 2012

qual fez a fonte falar, produzindo sentidos e revelações, que ele transformou em texto. (Pesavento, 2003p. 50-51)

Esse método nos propiciou uma maior aproximação com a realidade na qual o sujeito está inserido. Ou seja,

“[...] o objetivo não é compreender como cada sujeito re-significa sua existência a partir da narrativa, como reelabora aspectos pessoais numa teia coletiva. Os historiadores pretendem conseguir depoimentos sobre a história cotidiana, contada por grupos oprimidos, que irão nortear as reflexões históricas. Em outras palavras dar voz aos esquecidos pela história oficial.” (CAMPOS, 2004 p.46)

Com isso vivenciamos momentos de muita emoção, a partir do período que cada depoente compartilhava suas vivências e, em cada fala, percebemos como o espaço da igreja e da praça são importantes na composição da narrativa histórica do movimento negro local. Outro momento da pesquisa foi à busca pelo corpus escrito através do arquivo público de jornal da Fundação Cultural assim como nas atas da irmandade de São Benedito.

Nesse sentido, procuramos nos colocar em muitos momentos no lugar de nossos depoentes para entender seus pontos de vista e também vermos o porquê das suas impressões fazendo uma análise de dentro do nosso objeto de pesquisa e também procurando nos distanciar para que pudéssemos analisar e refletir sobre o tema com o olhar de fora, do pesquisador que se pauta no seu embasamento teórico e nas suas convicções metodológicas. Entretanto, sem deixar que uma visão se sobreponha a outra e sim que se articulem na compreensão da realidade pesquisada.

#### EFETIVAÇÃO DOS LUGARES DE FESTA

Ituiutaba, cidade situada na região do Triângulo Mineiro, estado de Minas Gerais, de acordo com os relatos de lideranças negras da cidade, a festa, no contexto urbano, é oficialmente realizada desde o ano de 1951<sup>3</sup>. Entretanto, anterior a essa data, ela já vinha sendo realizada nas fazendas do município. Logo que as famílias negras

---

<sup>3</sup> Como consta no artigo de. Naves, Fernanda Domingos. **Cultura, identidade religiosidade: o congado da cidade de Ituiutaba-mg.** UFU/FACIP 2009.p.1-14.

passaram a fixar residência na cidade em busca de melhores condições de vida e trabalho a prática se firmou na cidade. A igreja católica assumiu concomitantemente as comemorações, dando a ela um caráter mais devocional e menos étnico e identitário, oficializando-a junto ao calendário litúrgico e devocional até mesmo para melhor controle ideológico e religioso, referendado pelo incentivo, apoio e encampação da criação da irmandade de São Benedito<sup>4</sup> e em torno dela.

A efetivação desse espaço ao longo dos anos se consolidou “num campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, [...] o espaço sagrado é o resultado de uma manifestação do sagrado, revelada por uma hierofania[ materialização do sagrado num dado lugar] espacialmente definida.” (Rosendahl. 2003 p.81) e serviu como motivação para a realização desta pesquisa. Como nos aponta Rosendahl (2003), o homem enquanto ser religioso necessita viver ancorado ao sagrado, assim ele acaba se tornando parte dele. Durante as conversas com os congadeiros, muitos apontaram que, no dia da festa, a praça é lugar sagrado, pois é ali que eles reverenciam sua ancestralidade e recarregam suas energias espirituais, independente de participarem das missas do dia.

Entendemos que as categorias e conceitos utilizados nesta pesquisa ganharão relevância quando pensados de forma isolada da realidade analisada, ou seja, entender os conceitos a partir da realidade da pesquisa.

Aqui optaremos pela leitura dessa prática ancorada as discussões acerca dos sentidos dados a palavra festa, inserida na dinâmica cultural e incorporada as vivências e experiências cotidianas dos indivíduos em seus grupos sociais. Na tentativa de enveredar por esses interstícios dialógicos concebemos, inicialmente a festa dentro

---

<sup>4</sup> Muito comum desde o século XVIII, a sua popularidade na primeira metade do XIX aumentou a criação de novas irmandades de homens pretos que eram responsáveis pela manutenção da coesão do grupo, estratégia de formação de identidades coletivas de grupos diversos, que interagiam num mesmo espaço de sociabilidade. Era muito comum utilizar o nome dos santos católicos para definir essa união de negros em torno das irmandades, já que elas tinham um vínculo com a igreja.

daquilo que nos propôs Perez, que pensa o conceito de festa a partir da ideia de fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva, ou seja, deixa evidente que a festa se movimenta conforme o grau de pertencimento ou vínculo social que os indivíduos atribuem ao ato de festejar.

Nesse sentido, o compartilhar dos momentos festivos para o homem se insere na efetivação de práticas de sociabilidades que exprimem a ruptura com o cotidiano, ou seja, aquilo que Perez (2002, p.19) chama de ato coletivo extra-lógico, extra-ordinário e extra-temporal. A festa proporciona o estabelecimento de certa interdependência de relações que permite ao indivíduo senti-la como parte fundante de sua vida e assim, experimentar “a vida social” como momento de ressignificação identitária.

Dessa forma a festa é vivenciada inserida num contexto complexo que só o compreendemos de forma dialógica se levarmos em consideração as especificidades de cada comemoração, sua relação identitária com seus praticantes. Sendo assim ela é muito mais do que a reunião de pessoas para fins comemorativos e/ou recreativos (festa de aniversário), solenidade civil ou religiosa em que se celebra fato ou figura histórica ou religiosa etc. (festa da Independência; festa de São João), desta forma festa nos remete à ruptura com o cotidiano.

Devemos também levar em consideração o uso que se faz da festa e sentidos atribuídos, estes podem ser sagrado e profano; desta forma consideramos a festa como uma prática que as comemorações festivas são manifestações sociais, integradas ao cotidiano dos sujeitos, sendo um fenômeno total que manifesta o êxtase da coletividade e a “revigoração” do sujeito. (Amaral 1998, p. 11 -12)

Para entender esta relação que Tuan (1983) coloca sobre experiências vividas no local, era necessário compreender o conceito de pertencimento que aqui nos fez pensar

em como esses moradores ou praticantes se sentem parte daquele espaço e dos lugares que eles vão construindo; de acordo com Katrib (2009) é nesse espaço que o grau de pertencimento confronta com as experiências diárias, vivenciadas no plano individual e também no coletivo, significando assim, a afetividade dada ao lugar como ambiente de vivência e de experiência, seja no campo da manifestação do sagrado ou em outro qualquer da vida cotidiana.

Consideramos que existe uma relação direta entre a construção da memória e da identidade. Percebemos que em linhas gerais, a memória é o elemento legitimador da identidade. Como coloca Le Goff (2003, p.119), memória é um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou informações que ele representa como acontecidas. Com isso nossa reflexão se pautou no que nos coloca Michael Pollak (1992). Para ele as recordações refletem a relação entre identidade e memória, na qual se destacam as fronteiras de pertencimento, Pollak (1992) elenca três elementos constitutivos da identidade: os “acontecimentos”, as “pessoas e personagens” e os “lugares” da memória. Segundo Polak:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si (POLAK, 1992, 204).

A partir do que nos coloca Pierre Nora ancorado nas idéias de Polak Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. (POLLAK, 1992, 202). Assim a Praça 13 de Maio vai ser pensada como um lugar de memória já que para ele os lugares podem ser compreendidos, simultaneamente e em graus



diversos, em três sentidos: material, simbólico e funcional. Nora (1993, p.22) assim os lugares são um jogo de memória e da história, uma interação dos dois fatores que acarreta a sobre determinação recíproca. Nora (1993, p.22)

Pensar o conceito das identidades não tem sido uma tarefa fácil principalmente de se tratar de uma identidade espacial que pode se entendida como tendo uma vida mais longa já que se dão a partir de representações de maneira mais imutável e ate mesmo imóvel pensar estes espaços de identidades tem esse sentido de assegurar um passado digno, fixo, cristalino, de assegurar o presente, enfim, de criar uma tradição que legitime este espaço. Desta forma, a Praça 13 de Maio passa a ser pensada como algo construído historicamente. Sendo assim os significados que são dados espaço, e que constituem sua identidade não são fixos estão em constante transformação.

O conceito de identidade utilizado foi o de Hall (2003), partindo da ideia que ele apresenta sobre o conceito de identidade a partir da pós-modernidade. Dessa forma, ele não é fixo, está relacionado com as vivências e experiências do grupo. Segundo Hall As identidades são, então, identidades culturais que “provêm de alguma parte, que têm histórias. Mas como tudo o que é histórico, sofre transformação constante” (HALL, 1996, p. 69).

Assim, a

Identidade Cultural não possui “uma origem fixa à qual podemos fazer um retorno final e absoluto. [...] Tem suas histórias – e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. [...] As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento. (HALL, 1996, p. 70)

Rosendahl (2003) nos ajuda a pensar a festa e sua materialização espacial na cidade de Ituiutaba a partir da teia de significados estabelecida e sua articulação com o

sagrado e o festivo. A autora destaca que esses momentos se inserem ainda num contexto mais diverso de concretização de uma gama de representações simbólicas recriadas pelos atores sociais. Assim, o sentido que a cidade atribui à comemoração da festa da congada foi levado também em consideração nas nossas reflexões.

A efetivação desse espaço ao longo dos anos se consolidou “num campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, [...] o espaço sagrado é o resultado de uma manifestação do sagrado, revelada por uma hierofania [materialização do sagrado num dado lugar] espacialmente definida.” (Rosendahl, 2003 p.81) e serviu como motivação para a realização desta pesquisa. Como nos aponta Rosendahl (2003), o homem enquanto ser religioso necessita viver ancorado ao sagrado, assim ele acaba se tornando parte dele.

Assim, tomamos a festa e um processo dinâmico feita pelos momentos de fé e festa e com isso ela cria seus contornos e movimentos diferentes do dia-a-dia. Com isso foi possível perceber a importância que a festa tem para participantes como para a cidade e como ao longo dos anos ela foi constituindo como uma forma de manter vivas as pertencas identitárias assim como legitimar o papel político e étnico da comunidade negra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim e no espaço urbano onde se dá às relações do dia-a-dia que no dia da festa oficial se consolida como o universo no qual as práticas culturais ganham diversos contornos e são reinterpretadas pelo imaginário social, com a finalidade de dar sentido às relações cotidianas expondo sentimentos de luta, resistência, fé e devoção de gerações através da realização de manifestações sociais, festejos em louvor a santos padroeiros, dentre outros.

A festa ajuda a reforçar o sentido do espaço já estabelecido pelos que a executam, ela reforça o sentido que cada um propõe para a mesma. No entanto, isso não quer dizer que não haja contradições nos festejos, ela contém em si a contradição cujos processos são vislumbrados em seu interior. E mesmo que cada indivíduo perceba e conceba as comemorações de diferentes formas e intensidades, estes momentos são de experiências particulares concretizadas no coletivo.

Consideramos que os lugares em que as práticas culturais se concretizam são constituídos pelos fatores culturais imprescindíveis ao entendimento da interação entre sujeitos e espaço, e da construção de um sentido histórico para ambos, assim podemos pensar a congada como sendo um dos motivos para a fixação dos congadeiros ou praticantes próximos à igreja e constituidora de uma relação entre a comunidade e a igreja, uma vez que suas residências se inserem dentro do raio de abrangência de suas práticas culturais, religiosas e dos espaços de referência étnica diversos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à Brasileira: Significados do festejar no país que “não é sério”**, Tese de Doutorado, São Paulo, USP, (1998).

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – Artes do fazer**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAMPOS, F. A. (2004). **Trabalho e consciência de classe: a história de Dona Antônia e Dona Maria na luta pela terra**. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, FAFICH-UFMG.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n° 24, 1996. p. 68-75.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim, Naves, Fernanda Domingos. **Cultura, identidade religiosa: o congado da cidade de Ituiutaba-mg**. UFU/FACIP 2009.p.1-14.

PEREZ, L. F. Antropologia das efervescências coletivas. In PASSOS. Mouro. **Festa na Vida: Imagem e significado**. Petrópolis: Vozes, 2002.p.15-58.

PESAVENTO, Sandra J. **Indagações sobre História Cultural**. In: Revista Artcultura. Uberlândia: NEHAC/UFU. Nº. 03, 2001.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 132 p.; p. 50-51; 67. (Coleção História &... reflexões, 5)

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 2, n. 3; 1989 (p. 3–15).

ROSENDAHL Zeny. **Anais do II encontro nacional do Gt. história das religiões e das religiosidades**. **Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH Maringá (PR)** v. 1, n. 3, 2009. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em 28 de Junho de 2012

ROSENDAHL Zeny. **Espaço, Cultura e religião: dimensão de Análise**. In CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL Zeny. (orgs) **Introdução a geografia Cultural**. RJ: Bertrand Brasil, 2003 (p.187-224)